

**Curso:** Teoria Antropológica I (MNA 701)

**Nº de Créditos:** 03

**Período:** 1º Semestre de 2019

**Horário:** 6ª Feira, 9:00 Hs.-12.00 Hs.

**Local:** Sala a determinar

**Professores:** Marcio Goldman e Clara Flaksman

### **Ementa**

Os cursos de Teoria Antropológica I e Teoria Antropológica II (TAI e TAI) pretendem oferecer uma introdução geral a vertentes do pensamento antropológico e a autoras e autores tidos como fundamentais na constituição e para a prática da disciplina. O objetivo central desses cursos é, portanto, oferecer uma espécie de perspectiva horizontal da história do pensamento antropológico desde sua constituição até o início da década de 1970 (TAI) e desse momento até os dias de hoje (TAII).

Três dificuldades sempre espreitam cursos dessa natureza. Em primeiro lugar, os critérios de seleção do que deve ou não ser abordado, dados os limites de tempo em que os cursos se desenrolam; em segundo, o perigo do conjunto de textos se pulverizar a tal ponto que torne difícil a apreensão das conexões entre ideias, textos, autoras e autores; finalmente, o fato de que esse tipo de abordagem corre sempre o risco de descambar para uma perspectiva historicista e mesmo evolucionista, que supõe, ainda que implicitamente, uma sequência progressiva no desenvolvimento do conhecimento antropológico — conhecido, paradoxal e justamente, por sua crítica ao evolucionismo...

O primeiro problema é de difícil solução, mas a própria explicitação da existência de um elemento de caráter pessoal na seleção dos textos, assim como o esforço para adotar uma perspectiva plural, pode contribuir para minorá-lo.

O segundo problema — pulverização dos textos e, principalmente, das ideias — é igualmente de difícil solução. Neste caso, optou-se por tentar utilizar como uma espécie de fio condutor (no sentido elétrico do termo) duas questões que, de uma forma ou de outra, devem ser encaradas e tratadas por qualquer praticante da antropologia. Por um lado, a própria noção do que significa essa prática, ou seja, o que os praticantes imaginam estar fazendo quando fazem antropologia. Por outro, a relação intrinsecamente constitutiva da disciplina com os chamados saberes nativos ou, melhor, situados. Com sua pretensão de ser uma “ciência do outro”, a antropologia tem que decidir a cada instante para que lado fará a balança pender, para o da ciência ou para “o outro”.

A fim de evitar o terceiro risco, o do evolucionismo sempre à espreita quando se pretende narrar a história de uma ciência, decidiu-se por uma

abordagem mais “problemática” do que “sistemática” ou sequencial. Ou seja, a partir dos dois pontos norteadores (o que é mesmo a antropologia e o que ela faz com aquelas e aqueles que pretende estudar), será abordada uma série de questões recorrentes na história da disciplina — por exemplo: o humano e o não-humano, o sociocultural e o natural, o particular e o universal, a transformação e a permanência, os outros e nós, e assim por diante.

Em conjunto, os dois cursos, que desta vez serão ministrados pelo mesmo professor, pretendem, pois, mapear os movimentos — mais circulares, em espiral, pendulares ou caóticos, do que lineares e ordenados — que o pensamento antropológico executou desde seus começos em meados do século XIX até os dias de hoje. Em direção similar, imagina-se que a relação entre as aulas e a bibliografia indicada para cada sessão deverá ser mais de natureza complementar do que especular ou da ordem do comentário. Observe-se, aliás, que a bibliografia já prevê alguma leitura para a primeira sessão do curso. Esta pode ser encontrada em:

<https://www.dropbox.com/sh/zcxt5dlig2ww9/AAAvaaaPIdNLOrZz4zlQfoAja?dl=0>

Finalmente, uma observação de ordem formal: o parágrafo 3º, artigo 24, Capítulo 5, do Regulamento do PPGAS, diz que “é vedada a participação de alunos ouvintes nas disciplinas Teoria Antropológica I e II”.